

ESCRITA E PODER NA PÉRSIA AQUEMÊNIDA: A INSCRIÇÃO DE BEHISTUN NO CONTEXTO DE ASCENSÃO E LEGITIMAÇÃO DE DARIO I

WRITING AND POWER IN ACHAEMENID PERSIA: THE BEHISTUN INSCRIPTION IN THE CONTEXT OF THE RISE AND LEGITIMATION OF DARIUS I

Carlos Eduardo Ribeiro da Silva*

Resumo: Após a ascensão ao trono por Dario I, ocorre uma série de revoltas em todo o Império Persa Aquemênida (550 – 330 AEC), Dario era visto como um usurpador e assassino. Depois de sufocar a maioria das revoltas, o monarca se concentrou no projeto de reorganização imperial, onde houve uma reforma que tangenciou diversos aspectos, desde questões econômicas e administrativas, até a reorganização das satrapias. Em suma, o “Rei dos reis” decidiu deixar gravado os seus feitos na fonte a ser analisada, isto é, a *Inscrição de Behistun*. Tendo isso em vista, o propósito do presente artigo é analisar a relação entre a escrita, levando em conta o caráter multilíngue e pluriétnico do império, e o poder, ressaltando que as fontes persas têm um caráter propagandístico e também uma busca por legitimação.

Palavras-chave: *Inscrição de Behistun*; Dario I; Império Persa Aquemênida; Escrita; Poder; Legitimação.

Abstract: After the accession to the throne by Darius I, a series of revolts occurred throughout the Achaemenid Persian Empire (550 – 330 BCE), Darius was seen as a usurper and murderer. After putting down most of the revolts, the monarch focused on the imperial reorganization project, where there was a reform that touched on several aspects, from economic and administrative issues to the reorganization of satrapies. In short, the “King of kings” decided to record his deeds in the source to be analyzed, that is, the Behistun Inscription. Considering it, the purpose of this article is to analyze the relationship between writing, taking into account the multilingual and pluriethnic character of the empire, and power, highlighting that Persian sources have a propagandistic character and a search for legitimation.

Keywords: *Behistun Inscription*; Darius I; Achaemenid Persian Empire; Writing; Power; Legitimation.

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Amazonas (PPGH - UFAM). Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Possui experiência na área de História com ênfase em História Antiga, versando temas como História do Império Persa Aquemênida, Guerras Greco-Persas, bem como questões de Identidade e Alteridade na Grécia Clássica.

INTRODUÇÃO

De acordo com o relato de Heródoto, Dario I ascendeu ao trono em 521 AEC após assassinar e depor o “falso-Esmédis” que havia usurpado o poder na Pérsia. Na conjuntura após sua ascensão ao poder, ocorreram inúmeras revoltas em todo o império. Entretanto, Dario foi capaz de superar tais dificuldades e sufocar todas as revoltas. Após esse período de agitação, o monarca realizou diversas ações nos setores administrativo, territorial e militar do império, bem como deu continuidade a inúmeros projetos iniciados no governo de Ciro, o Grande, a fim de se legitimar como o novo rei (Macardle, 2021, p. 129). Dentre os projetos retomados, o que visava dividir o império em satrapias foi o que mais se destacou, cada uma delas foi colocada sob a supervisão de um sátrapa, isto é, um governante local. Um novo sistema tributário foi estabelecido, em que cada satrapia era responsável por oferecer determinado tributo ao poder central. Somado a isso, moedas, pesos e medidas foram padronizados (Macardle, 2021, p. 135). Além disso, a fiscalização passou a ser mais rigorosa, através dos “olhos do rei” que eram funcionários que acompanhavam os governantes locais e reportavam tudo diretamente a Dario, a fim de evitar revoltas, conspirações e traições.

Macardle (2021, p. 130) disserta que Dario também era um grande construtor, o monarca construiu uma cidade inteiramente nova em Persépolis para servir de segunda capital e acrescentou um novo palácio e salão de audiências em Susa, a primeira capital. O monarca também criou um sistema jurídico, onde havia tribunais locais baseados nos costumes de cada região, bem como revisou o código penal e as leis imperiais que foram impostas (Llewellyn-Jones, 2023, p. 149). Ele também introduziu melhorias no serviço militar, substituindo a convocação militar por um exército permanente, com uma elite de dez mil “imortais”, entre os quais era escolhida a guarda real. Outro fator que o fez se aproximar do prestígio de Ciro II foi a continuação das campanhas militares, a fim de conquistar novos povos para anexá-los ao império. Apesar disso, seu principal objetivo não era o de expandir territórios, mas sim o de estabilizar, fortificar e consolidar as fronteiras conquistadas anteriormente por Ciro e Cambises. Tendo o exposto em vista, pode-se concluir que Dario deixou a sua marca mais como um administrador ou burocrata, do que como um militar (Llewellyn-Jones, 2023, p. 151-152).

Outrossim, deve-se recapitular o registro que foi resultado não apenas dos eventos que levaram Dario a ascender ao poder, como também para registrar as realizações do monarca, isto é, a inscrição trilingue que foi gravada na encosta do monte

Behistun, em Quermanxa, no atual Irã. Por ser uma fonte que busca, acima de tudo, legitimação, pode-se perceber que os reis aquemênidas tinham uma certa preocupação não apenas em exercer o seu poder, mas também em se legitimar e, por esse motivo, a ocorrência de certos mecanismos na fonte são justificáveis, como, por exemplo, as afirmações que Dario faz ao dizer que a divindade Ahura-Mazda seria a principal responsável por ele ter ascendido ao poder. Além disso, há também uma ênfase nos graus de parentesco entre Dario e Ciro, porque o fundador do império era visto como um “bom exemplo” e um “monarca ideal”. Ademais, ao afirmar esse grau de parentesco, Dario afirmaria também que era membro de uma dinastia legítima e, por esse motivo, era um rei digno e com direito legítimo ao trono.

Alan Bowman e Greg Woolf (1994) argumentam que os historiadores devem considerar trabalhar com as fontes, levando em consideração as maneiras pelas quais as fontes foram produzidas, divulgadas e, em alguns casos, lidas na Antiguidade. Os autores ressaltam o uso que fazemos dessas fontes, sejam elas literárias ou apenas documentais, dependendo de nosso pressuposto de como foram originalmente produzidas, lidas e entendidas (Bowman; Woolf, 1994, p. 5). Deve-se ressaltar que a escrita foi utilizada, em muitos desses contextos, para o estabelecimento do poder, bem como a sua legitimação na Antiguidade. Logo, explorar as relações entre o poder e a escrita é o principal objetivo no presente artigo, levando em conta, principalmente, tanto a questão da dimensão territorial, demográfica e multilíngue do império, quanto a fonte a ser analisada como fruto da sua própria conjuntura.

Tendo isso em vista, pode-se atentar para o fato de que uma das grandes preocupações desses autores foi a relação entre a escrita e o poder aplicado no contexto do Estado, assim como em seu estabelecimento e em sua organização e reorganização. Assim, dentro desse debate, existe uma clara noção de que a escrita tenha ajudado o Estado a se manter politicamente coeso. Ademais, pensando nas relações estabelecidas entre a escrita e o poder em contextos de estabelecimento de governo, pode-se pensar que isso pode ser atribuído, segundo Bowman e Woolf (1994, p. 14), a uma mudança de necessidade, onde seria preciso definir tal necessidade em termos simbólicos e funcionais. No caso de Dario I, o simbólico ou monumental seria representado pela própria Inscrição de Behistun, enquanto o funcional estaria inserido nesse contexto de ascensão ao poder pelo monarca, bem como o de sua legitimação.

Segundo Bowman e Woolf (1994, p. 13), o poder exercido sobre os textos permite ser exercido também por meio dos textos. Com isso, pode-se salientar que, de maneiras diferentes, a Inscrição de Behistun foi responsável por engendrar a legitimação do poder do governante que a estabeleceu, seja por meio da genealogia apresentada, seja por meio da sua narrativa. Ademais, textos monumentais e visíveis, como é o caso da fonte em questão, não constituem a única condição indispensável ou essencial para o exercício do poder, levando em conta que o conteúdo, isto é, o que o texto expõe pode não ser tudo o que importa, se considerarmos que os textos monumentais podem exercer o poder por meio da sua localização no espaço e pela forma como se apresentam (Bowman; Woolf, 1994, p. 13). Tendo isso em mente, deve-se lembrar que a localização da Inscrição, além de estar gravada em pedra no monte Behistun, estava numa altura considerável a ponto de poder ser vista da Estrada Real, que possuía um trânsito significativo de pessoas. Sua posição sugere que Dario tinha como objetivo alcançar, além do povo que passava pela estrada, elevar ao alto para que o próprio Ahura-Mazda pudesse ler o texto da inscrição.

Um ponto bastante pertinente a ser tocado, segundo Meredith Macardle (2021, p. 130), é o fato da Inscrição de Behistun ser um texto trilingue, isto é, três línguas diferentes (Elamita, Persa Antigo e Babilônico). Tendo isso em vista, deve-se atentar que a presença de mais de uma língua numa única fonte é a evidência de um contexto multilíngue. Várias línguas eram usadas pelo Império Persa, deve-se enfatizar que o elamita era a língua da região situada ao redor de Susa, uma das capitais do império, juntamente com Persépolis após ser construída por Dario, havia também escribas elamitas na corte de Dario (Lewis, 1994, p. 26-27). Essas três línguas não eram as únicas utilizadas no império, o aramaico predominava na administração imperial e, principalmente, em Persépolis.

Por fim, Bowman e Woolf (1994, p. 19-20), sugerem duas direções para investigações em torno dessas questões: a primeira é a de se estenderem a outros períodos e culturas os temas: a cultura escrita e o Estado; cultura escrita, língua e cultura; e cultura escrita e religião; a segunda é tentar descobrir uma certa unidade entre esses temas que possa justificar nossa colocação da cultura escrita clássica e o poder em termos mais genéricos. O presente artigo, então, seguirá a primeira direção dada pelos autores que contempla as questões relacionadas à cultura escrita e o Estado, bem como sua relação com a língua falada e a cultura dos povos, analisando de que maneira a escrita

estava atrelada ao poder. Pretende-se analisar também as maneiras que Dario se utilizou da escrita para estabelecer o seu poder e sua legitimação perante seu povo.

Tendo isso em vista, será utilizada a tradução em inglês realizada por Herbert Cushing Tolman (1908) da fonte que será trabalhada ao longo do artigo, isto é, a *Inscrição de Behistun*. Apesar da tradução antiga, possui qualidades notórias¹. Além disso, será utilizada uma coletânea organizada pelos dois autores supracitados Alan Bowman e Greg Woolf (1994) que trabalham com as questões relacionadas à cultura escrita e o poder no mundo antigo. Outros autores que possuem obras na área de Antigo Oriente, como o Mario Liverani (2016) e a Meredith Macardle (2021) são responsáveis por sintetizar a história do Antigo Oriente em alguns capítulos contribuindo, assim, de maneira primorosa para o presente artigo, com destaque principal aos manuais dos especialistas que tratam especificamente do Império Persa Aquemênida, com Albert Olmstead (1948), Amélie Kuhrt (2007, 2014), David Asheri (2006) e Pierre Briant (2002), Lloyd Llewellyn-Jones (2023).

ASCENSÃO DE DARIO I: CONTEXTO E ANTECEDENTES

Após a execução de Gaumata², Dario ascendeu ao trono do Império Aquemênida, tornando-se o terceiro monarca da primeira dinastia do Império Persa. Sua ascensão instalou um período de instabilidade política, por diversas razões que serão trabalhadas ao longo deste artigo, quando diversas satrapias se rebelaram contra o poder central do recém-coroadado monarca Dario I. Um dos principais motivos era o de Dario ser visto como um usurpador que teria assassinado o “verdadeiro” Bardiya, irmão de Cambises e filho de Ciro, e por não ter todo o apoio das elites locais das diversas satrapias/províncias, muitos decidiram buscar autonomia e, até mesmo, independência, aproveitando que Dario teria de lidar com outros problemas na própria Pérsia. Logo, ele não teria tempo para lidar com outras insurgências ao longo dos territórios do império. Além disso, há também questões controversas entre o intervalo da morte de Cambises e a execução de Gaumata que serão

¹ Atualmente, há uma tradução atualizada do Persa Antigo para o Português com comentários críticos feitos pelo pós-doutorando Matheus Treuk Medeiros de Araújo da Universidade de São Paulo (USP). No entanto, no momento em que o artigo foi produzido, a tradução ainda não havia sido publicada.

² O irmão de Cambises recebeu diversos nomes de acordo com os autores e as fontes gregas. Entretanto, na *Inscrição da Behistun*, ele é chamado de “Bardiya”. Pode-se dizer que Bardiya é seu nome persa, e Esmédis seria a versão helenizada de seu nome. Em relação ao Gaumata, ele é apenas o usurpador que disse ser o verdadeiro Bardiya. Gaumata era um mago e, após o assassinato de Bardiya a mando de Cambises (episódio atestado tanto na *Inscrição*, quanto nas Histórias), assumiu a identidade do irmão de Cambises e tomou o poder da Pérsia para si, enquanto Cambises ainda estava em solo egípcio. Deve-se salientar que todas as informações presentes nesse relato serviram aos interesses de Dario I na tentativa de se legitimar perante o povo, podendo ter ou não ocorrido da forma como foi retratada.

Escrita e Poder na Pérsia Aquemênida

discutidas posteriormente. Adiante, os feitos e as ações do “irmão” de Cambises em relação aos tributos e às políticas em parceria com as elites locais que, inclusive, apoiavam o Mago e contribuíram para a sua ascensão na Pérsia.

Mas antes de partir para uma imersão no contexto sociopolítico desta conjuntura, vale a pena resgatar o relato de Heródoto de Halicarnasso que é a principal fonte narrativa de informações acerca da História da Pérsia Aquemênida³, apesar de muitos relatos serem carregados de aspectos “fabulosos”. Segundo Heródoto, no Livro III – Talia, Cambises, após ter ascendido ao poder e se tornado o rei, teria sonhado o seguinte:

[...] pareceu-lhe que um mensageiro chegou da Pérsia para anunciar-lhe que Esmérdis estava sentado no seu trono real e que a sua cabeça tocava o céu. Portanto, diante disso, ele temeu por ele mesmo que seu irmão o matasse pelo seu poder e o enviou para Próxapex, para a Pérsia, que era o seu homem mais confiável dentre os persas, para que o matasse (*Histórias*, III, 30.).

Cambises relatou o sonho aos oráculos e foi-lhe dito que seu irmão Bardiya (Esmérdis, de acordo com o relato herodotiano) tomaria o poder para si. Por esse motivo, Cambises ordenou que Próxapex assassinasse Bardiya, enquanto ele comandava a expedição militar que resultaria na conquista do Egito. Após o assassinato do irmão de Cambises, Gaumata assumiu seu lugar e alegou ser o próprio Bardiya, devido às semelhanças que ele tinha com o falecido, mantendo a conspiração e o assassinato em segredo. Pouco tempo depois, o chamado “falso-Esmérdis/Bardiya/Gaumata” se volta contra Cambises, toma o poder para si na Pérsia, alega ser o filho de Ciro e, por esse motivo, teria pleno direito ao trono. Ao saber disso, Cambises sai desesperadamente em direção à Pérsia, mas em um ato descuidado acaba ferido e morreu pouco tempo depois.

Entretanto, já no seu leito de morte, ele convoca uma reunião com os “Sete⁴” nobres da aristocracia persa (dentre eles está Dario), e lhes conta todo o ocorrido, desde o seu sonho, a interpretação feita pelos oráculos, o assassinato do verdadeiro Bardiya,

³ O próprio Pierre Briant (2002) lamenta e ressalta diversas vezes ao longo da sua obra que os historiadores que pesquisam, trabalham ou se aventuram nessa área não são capazes de escolher suas fontes, devido à falta de evidências persas e aquelas que existem não se bastam por si só. Logo, o historiador que trabalha com o Império Persa Aquemênida, mais cedo ou mais tarde, terá que recorrer ao relato de Heródoto de Halicarnasso, Ésquilo, Ctésias ou Justino seja para trabalhar em cima de lacunas, seja para comparar ou, até mesmo, corroborar algo presente nas fontes persas.

⁴ Segundo Pierre Briant (2002), o uso desse termo (os “Sete”) é exclusivo dos autores gregos. O que pode ser confirmado após a leitura da *Inscrição de Behistun* que, em nenhum momento, há a ocorrência deste termo. Além disso, esse termo era utilizado não apenas como símbolo de distinção entre os “Sete” e o restante da aristocracia persa, como também para identificar tais personagens nas narrativas e, até mesmo, em alguns casos, distingui-las de pessoas com o mesmo nome.

seguida da implementação da “sósia” do seu irmão na Pérsia e, por último, a revolta do falso-Bardiya que resultou na tomada de poder para si. Após relatar toda a história para os “Sete”, Cambises realiza um último pedido para esses nobres que seria o de não permitir que o falso-Bardiya continuasse no poder. Depois disso, os “Sete” partem em direção à capital da Pérsia, onde se encontrava o falso-Bardiya, assassinam o dito usurpador e, promovem discussões sobre quem deveria assumir o poder e o modelo de governo, levando em conta que Cambises não tinha deixado herdeiros. Segundo o relato de Heródoto, após todo o ocorrido, Dario, Otanes e Megabizo debateram entre si sobre quem dentre eles deveria ascender ao poder⁵. Ressaltando que eles viram o que o modelo da monarquia poderia causar, Otanes e Megabizo defendem, respectivamente, os modelos da isonomia e oligarquia. Enquanto Dario, apesar de concordar com os “efeitos colaterais” da monarquia de Cambises, foi favorável ao regime monárquico e, ao fim do debate, foi quem melhor defendeu seu ponto de vista e ascendeu ao poder com o modelo de governo protegido e que deveria ser seguido. Logo, segundo Heródoto, foi nesse contexto que Dario ascendeu ao poder⁶.

Apesar da forte presença do relato de Heródoto, é importante citar também as perspectivas de autores contemporâneos no que diz respeito ao intervalo entre a morte de Cambises e ascensão de Dario⁷. Há autores, como Albert Olmstead (1948), que discordam e apontam discordâncias nas versões apresentadas pelas fontes clássicas, apesar de crerem veementemente no relato epigráfico de Behistun (*DB*). Há também autores, como David Asheri (2006), que aparentam concordar e crer na versão proposta pelas fontes clássicas, especialmente no que diz respeito ao Debate Constitucional (*III*, 80-82). E também há autores que problematizam o episódio, com base em fontes orientais

⁵ Esse episódio ficou conhecido como “Debate Constitucional” e ocorrera após o tumulto dos “Sete” contra o “falso-Esmédis/Bardiya” ou “Gaumata”, quando Otanes propõe que nenhum dos “Sete” deveria se tornar rei, nem a monarquia deveria seguir em vigor, levando em conta ao ponto que a insolência e a inveja de Cambises havia chegado. Após isso, os três (Otanés, Megabizo e Dario) defenderam três modelos de governo: isonomia, oligarquia e monarquia. Apesar dos bons argumentos contra a monarquia dos dois primeiros, Dario se sobressai ao trazer o fato de que eles foram libertados por um único homem, isto é, Ciro, o Grande. Tal argumento teria convencido quatro dentre os “Sete” a serem favoráveis ao modelo proposto por Dario. Para mais informações, consultar: *Histórias*, III, 80-82.

⁶ Heródoto também conta a ascensão de Dario por meio de uma anedota que envolve cavalos, numa suposta cópula entre o cavalo e a égua de Dario. Cita também uma alegoria com trovões e raios de luz no céu que indicariam uma aprovação divina de Dario como sucessor ao trono do Império Aquemênida. A anedota pode ser encontrada nas *Histórias*, III, 85-88.

⁷ Pierre Briant (2002) salienta que são poucos os eventos na História do Império Persa Aquemênida que foram capazes de levantar tantas questões quanto ao curto período em que Cambises II sai de cena e Dario I ascende ao poder.

compiladas pela Amélie Kuhrt (2007), como Pierre Briant (2002), no item 10 do seu capítulo 2 intitulado *Usurpação de Bardiya*, nos apresenta uma narrativa um tanto quanto diferente acerca do episódio que levou à ascensão de Dario, bem como seus antecedentes. Nesta versão apresentado por Briant, Bardiya não é morto por seu irmão, mas é “compensado” por Ciro II, seu pai, após nomear Cambises como seu sucessor, com um vasto distrito na Ásia Central, além de ter sido isento de impostos, no qual atuaria como um sátrapa. E, por esse motivo, Bardiya não estaria satisfeito em ficar com o “segundo lugar”, além de possuir ambições de poder, o que justificaria o assassinato a mando de Cambises, como proposto pelas fontes clássicas e pela própria Inscrição de Behistun. Ainda segundo Briant (2002), após a morte de Cambises, o único descendente homem da família real era Bardiya, tendo em vista que Cambises não havia tido filho, ou melhor, deixado herdeiros para sucedê-lo. Bardiya esperou a morte de Cambises ser anunciada para ascender, apesar de que Dario data a ascensão anterior à morte de Cambises, para colocar Bardiya como um usurpador, negando a imagem de um herdeiro legítimo. Assim, dentro dessa narrativa, Dario poderia contestar o poder de Bardiya. Outro ponto que é colocado na narrativa de Dario é que assim que Gaumata ascendeu, todo o povo se rebelou contra Cambises, não havendo contestação do poder do “usurpador”, o ponto é que muito provavelmente Bardiya ascendeu com apoio da aristocracia persa⁸. Segundo Briant (2002), de acordo com os relatos presentes nas fontes gregas, a relação entre Cambises e a aristocracia persa era problemática, muito provavelmente Cambises havia tomado medidas severas acerca de impostos durante a sua estadia no Egito, o que nos leva a crer que Bardiya reuniu a seu favor membros da aristocracia persa para se colocar contra Cambises. Deve-se levar em conta que o apoio e a cooperação da aristocracia persa eram indispensáveis para quem quisesse o poder para si. Nesta versão proposta por Briant, Dario teria assassinado Bardiya e seria um usurpador.

INSCRIÇÃO DE BEHISTUN: A “AUTOBIOGRAFIA” DE DARIO I

Logo após a ascensão de Dario, como dito anteriormente, houve uma série de revoltas ao longo de todo o império. A fonte a ser analisada, a *Inscrição de Behistun*, nos permite analisar como ocorreram essas revoltas, quais satrapias se revoltaram, sob a liderança de quais indivíduos e de que maneira Dario lidou com todas essas revoltas para

⁸ Segundo Jones (2023, p. 119), Documentos babilônicos provam que, no que diz respeito aos mesopotâmios, Bardiya sucedeu Cambises de maneira pacífica e legítima. Bardiya passou pelos rituais de investidura régia em Pasárgada. Além de ter desfrutado de popularidade e conquistado elogios do povo.

sufocá-las. Vale ressaltar que as fontes reais aquemênidas têm como principal característica o caráter propagandístico⁹, principalmente quando se trata de questões de legitimação. Um exemplo se refere ao primeiro monarca e fundador do Império Persa: Ciro II ou Ciro, o Grande com o seu *Cilindro de Ciro*, confeccionado após a conquista da Babilônia com o intuito de, principalmente, se legitimar perante os habitantes da Babilônia, se utilizando até de Marduk, divindade patrona da Babilônia. Entretanto, o caso de Dario I é ainda mais delicado, levando em conta que, diferente de Ciro, ele não estava na posição de um conquistador, mas na de um usurpador. Independentemente se Dario assassinou ou não o verdadeiro Bardiya ou um falso-Bardiya, o fato a ser considerado aqui é que Dario era visto como um usurpador. Então, levando em conta essa perspectiva dos povos subjugados em relação a Dario e as diversas revoltas ocorridas nos territórios do império, Dario deveria incrementar sua “autobiografia”. A *Inscrição* é chamada assim por Albert Olmstead (1948), não apenas como referência à descrição dos episódios de revoltas e de que maneira ele as sufocou, mas também por apresentar as justificativas plausíveis para tais ações.

As justificativas para legitimação se baseiam principalmente em princípios religiosos. Foi então, no período do reinado de Dario que o Zoroastrismo e os princípios masdeístas se tornaram fortemente presentes no Império Persa a ponto de ser considerada a religião oficial do Império Aquemênida. Tendo isso em vista, Dario ilustra os líderes das revoltas como mentirosos que se apropriavam de nomes de realezas ou de heróis locais, variando de acordo com cada satrapia. Tais líderes tinham o objetivo de enganar o povo e fazer com que eles apoiassem a revolta contra o verdadeiro rei e enviado de Ahura-Mazda, principal divindade do panteão do Zoroastrismo. Ao final da Coluna III (passagem 14) e na Coluna IV (passagem 2), Dario apresenta todos os “mentirosos” e conta como ele os derrotou e puniu:

⁹ Isto é, divulgar a narrativa proposta na Inscrição de Behistun por Dario I e sua corte, bem como exaltar as virtudes do monarca a ser legitimado para o maior número de súditos possíveis, a fim de afirmar o seu poder e direito a ele. Adriano V. Rossi (2021) e Bruno Jacobs (2021) são alguns dos autores que trabalham com os aspectos propagandísticos presentes nas inscrições aquemênidas, seja no âmbito epigráfico ou iconográfico, apesar de não se familiarizarem tanto com o termo “propaganda” em si e preferirem o termo “programático”. Assim como Lloyd Llewellyn-Jones (2023) e Pierre Briant (2002) concordam que muitas das representações da corte e, especialmente, do monarca são bastante performáticas, buscam causar impacto, utilizando como principal exemplo o Apadana/Salão de Audiências. Além de utilizarem o termo “propaganda” e evidenciarem o caráter propagandístico da Inscrição de Behistun, ressaltam elementos que evidenciam o interesse de propagar a “narrativa de Dario” para o restante do império, seja na localização da inscrição ou nas cópias do texto epigráfico que foram enviadas para todas as satrapias do império.

Escrita e Poder na Pérsia Aquemênida

Diz Dario, o rei: [...]. Havia um chamado Gaumata, um mago. Ele mentiu, portanto ele disse: “Eu sou Bardiya, o filho de Ciro”. Ele fez a Pérsia rebelde. Havia um chamado Atrina, um elamita. Ele mentiu, portanto ele disse: “Eu sou o rei em Elam”. Ele fez Elam rebelde. Havia um chamado Nidintu-Bel, um babilônio. Ele mentiu, portanto ele disse: “Eu sou Nebuchadrezzar, o filho de Nabu-na’id”. Ele fez a Babilônia rebelde. Havia um chamado Martiya, um persa. Ele mentiu, portanto ele disse: “Eu sou Imanish, rei em Susa”. Ele fez a Susa rebelde. Havia um chamado Fraortes, um medo. Ele mentiu, portanto ele disse: “Eu sou Khshathrita da família de Ciaxares”. Ele fez a Média rebelde. Havia um chamado Citrantakhma, um sagartiano. Ele mentiu, portanto ele disse: “Eu sou rei em Sagartia, da família de Ciaxares”. Ele fez a Sagartia rebelde. Havia um chamado Frada, um margiano. Ele mentiu, portanto ele disse: “Eu sou rei em Margiana”. Ele fez a Margiana rebelde. Havia um chamado Vahyazdata, um persa. Ele mentiu, portanto ele disse: “Eu sou Bardiya, o filho de Ciro”. Ele fez a Pérsia rebelde. Havia um chamado Arakha, um armênio. Ele mentiu, portanto ele disse: “Eu sou Nebuchadrezzar, o filho de Nabu-na’id”. Ele fez a Babilônia rebelde. Diz Dario, o rei: Esses 9 reis que eu apreendi dentro dessas batalhas. Diz Dario, o rei: Essas são as províncias que se tornaram rebeldes. A Mentira os fez rebeldes, para que estes enganassem o povo. Depois disso, Ahura-Mazda entregou-os na minha mão, como era a minha vontade, assim eu fiz para eles. (*Inscrição de Behistun* Coluna IV, Passagem 2-4)¹⁰.

Dessa maneira, ele se coloca como portador da verdade, ao lado de Ahura-Mazda, enquanto que os rebeldes foram colocados como mentirosos, representando a divindade arqui-inimiga de Ahura-Mazda: Ahriman ou Angra Mainyu. Os conflitos pretendiam representar também a cosmogonia da religião zoroastriana que consistia na infinita luta cósmica entre o bem (Ahura-Mazda) e o mal (Ahriman), uma síntese dos princípios masdeístas (a luta do bem contra o mal). Outro método de que Dario também se utiliza na sua *Inscrição* é a apresentação de uma genealogia fictícia, onde ele se coloca próximo a Ciro II que é visto como um ideal de monarca, para além de ter sido “pai e fundador” do Império Persa. Nessa árvore genealógica, além de Ciro, o Grande, ambos estão ligados a um ancestral e herói lendário, chamado Aquêmenes, responsável por dar nome à primeira dinastia do Império Persa.

Eu (sou) Dario, o bom rei, o rei dos reis, o rei da Pérsia, o rei dos povos, o filho de Histaspes, o neto de Arsames, o aquemênida;
Diz Dario, o rei: Meu pai (é) Histaspes, o pai de Histaspes (é) Arsames, o pai de Arsames (é) Ariaramnes, o pai de Ariaramnes (é) Teispes, o pai de Teispes (é) Aquêmenes;
Diz Dario, o rei: Embora nós sejamos chamados de aquemênidas, desde muito tempo nós temos estendido; desde muito tempo, nossa família tem sido de reis;
Diz Dario, o rei: 8 de minha família (havia) quem fossem formalmente reis. Eu sou o nono (9). Muito tempo atrás, nós fomos reis (*Inscrição de Behistun*, Coluna I, Passagens 1-4).

¹⁰ Só para elucidar certas dúvidas que possam surgir a partir da leitura da passagem escolhida: houve lugares em que Dario teve que sufocar revoltas mais de uma vez como é o caso da Babilônia e da Susa, por isso há a repetição de uma revolta no mesmo lugar, mas sob o comando de pessoas diferentes, mas que aludem ser a mesma pessoa.

Nessas primeiras passagens da fonte, Dario introduz a dinastia, os seus predecessores e os seus ancestrais familiares nesta genealogia aparentemente fictícia que o coloca não apenas próximo de um ancestral lendário, Aquêmenes, aquele que deu nome à primeira dinastia do Império Persa, como também coloca a si mesmo na linha de sucessão. É claro aqui o intuito de se legitimar e mostrar para o leitor da inscrição o porquê de ele ter direito legítimo ao trono. Deve-se lembrar que Cambises não tinha herdeiros e com Bardiya (seja o falso ou o verdadeiro) morto, a linhagem de Ciro, pai e fundador do império, tinha morrido também. Por isso Dario recorre a essa árvore genealógica. Outro ponto importante que pode ser notado nessa genealogia é o mecanismo que Dario usa para se colocar próximo a Ciro II, visto como um ideal de monarca. Entretanto, não é possível ver o nome “Ciro” no conteúdo textual da fonte, mas é possível que Dario o tenha colocado nas entrelinhas. Ao consultar o *Cilindro de Ciro*, pode-se ver que Ciro se coloca como filho de Cambises I, neto de Ciro I e descendente de Teispes, e é justamente nesse Teispes que se deve dar enfoque, porque se Teispes se faz presente na linhagem tanto de Ciro, quanto de Dario, pode-se presumir que ambos os monarcas estão na mesma linhagem, mesmo que como parentes “distantes”. Outra questão que pode ser levantada, ao perceber que Dario não cita Ciro diretamente, é que se ele o fizesse, teria de citar Cambises também (pelo simples fato de Cambises ser o filho e sucessor de Ciro). Então, se Dario pretendia se legitimar e se colocar não apenas como um bom monarca, mas também como um “herdeiro” dos bons monarcas. Portanto, ele não poderia e nem deveria citar diretamente Ciro e/ou Cambises, já que Cambises é citado no relato, como sendo o arquiteto e assassino de seu irmão Bardiya¹¹, ou seja, ele o apresenta como uma figura negativa, com a qual não queria estar relacionado e se o citasse nominalmente soaria contraditório.

Todos esses mecanismos de escrita¹², além da arte presente na *Inscrição* que será discutida em um outro momento, foram utilizados com um propósito: legitimar Dario

¹¹ Segundo Olmstead (1948), há desacordo em relação ao tempo, lugar e maneira do seu assassinato. Dario alega que Bardiya, irmão mais novo de Cambises, foi morto pelo seu irmão. Heródoto culpa Próxapés pelo assassinato de Bardiya, mas havia dúvidas sobre “Esmérdis” ter sido assassinado durante uma caça em local próximo à Susa ou se ele havia morrido afogado no Mar Eritreu. Além disso, há desacordo também em relação ao tempo, pois Dario coloca o episódio ocorrido antes da expedição egípcia de Cambises. Já Heródoto situa o episódio durante a campanha de Cambises.

¹² Gregor Ahn (1992, p. 89-91) aponta três estratégias retóricas em busca de legitimação utilizadas pelos governantes aquemênidas: 1) legitimação divina; 2) legitimação dinástica; 3) legitimação por realização.

Escrita e Poder na Pérsia Aquemênida

e colocá-lo como o único rei possível a exercer o poder central do Império Aquemênida. Outro ponto a ser destacado é a localização escolhida para a *Inscrição* esculpida no Monte Behistun, algo estratégico se levarmos em conta que ficava na passagem da Estrada Real, por onde passavam diversas pessoas, comerciantes, oficiais e súditos do império. A escolha é óbvia, pois o objetivo era alcançar o máximo de pessoas possíveis para que todos do império e até mesmo de fora das dependências territoriais do império soubessem quem era o novo monarca responsável pelo Império Aquemênida e que, acima de tudo, era um monarca legítimo por direito “hereditário” e, principalmente, respaldado pelo poder divino. Além de visar alcançar o máximo de leitores possíveis, Dario também ordenou que a *Inscrição* fosse esculpida em três línguas, tal qual a conhecida *Pedra de Roseta* dos egípcios. A *Inscrição de Behistun* é uma inscrição trilingue (elamita, persa antigo e babilônico). Há ainda uma outra versão de tabuleta encontrada com o conteúdo da inscrição em aramaico, a língua mais utilizada e corrente durante esse período do Império Aquemênida. Somado a essa versão “tabuleta” encontrada, é importante enfatizar o fato de que Dario também ordenou que versões “tabuletas” (hoje, conhecida como ‘versões de bolso’) fossem confeccionadas e enviadas para as principais satrapias do império. Isto é seriam enviadas para locais de maior importância para o poder central, tais como Babilônia, Egito, Ecbátana, Média, entre outras. Todas essas regiões contribuíam com guarnições e outros tributos que podem ser atestados no relato herodotiano¹³.

Outros elementos que precisam ser observados ao entrarmos em contato com a fonte são as ocorrências da frase “Diz Dario, o rei: [seguido do relato]”. Dessa forma, ao começo de cada relato na *Inscrição de Behistun*, o conteúdo é atribuído às próprias palavras de Dario como se ele estivesse discursando para todos os leitores da *Inscrição*. Tal repetição em cada frase sugere algo semelhante a uma oração, canção ou a algo que fixe na cabeça do leitor. Lembrando que, na civilização persa, mesmo neste período, a tradição oral ainda se fazia fortemente presente. Então, tendo isso em vista, pode-se

Segundo Jacobs (2021, p. 756), Dario utilizou todas essas três estratégias: 1) Ahura-Mazda; 2) genealogia fictícia; 3) ação da conquista, pois a legitimidade de sua dinastia era frágil e seu governo inseguro.

¹³ Mario Liverani (2016) montou uma tabela de acordo com o relato herodotiano (*Histórias*, III, 89-94) que mostra os tributos pagos pelas satrapias do Império Persa (em talentos de prata): 1) Cária, Lícia e Panfília: 400 talentos; 2) Mísia e Lícia: 500 talentos; 3) Frígia e Capadócia: 360 talentos; 4) Cilícia: 500 talentos + 360 cavalos brancos; 5) Síria, Palestina e Chipre: 350 talentos; 6) Egito e Líbia: 700 talentos + 120 medidas de trigo; 7) Satagídia e Gandara: 170 talentos; 8) Elam: 300 talentos; 9) Assíria e Babilônia: 1000 talentos + 500 jovens, futuros eunucos; 10) Média Central: 450 talentos; 11) Média do Norte: 200 talentos; 12) Bactriana: 360 talentos; 13) Armênia: 400 talentos; 14) Sagartia, Sarangia: 600 talentos; 15) Sácia: 250 talentos; 16) Pártia, Corásmia, Sogdiana: 300 talentos; 17) Gedrósia, Aracósia: 400 talentos; 18) Matiene, Saspiri, Alarodi: 200 talentos; 19) Mushki, Tibarene: 200 talentos; 20) Índia: 360 talentos em pó de ouro.

sugerir que Dario também estaria focado em propagar a sua autoridade, usando-se das repetições para que o conteúdo da *Inscrição* fosse passado por via da tradição oral de geração em geração, com o objetivo de se firmar e reforçar a sua versão do relato na memória coletiva da civilização persa.

Outra ocorrência que também deve ser salientada é a quantidade de vezes que Dario recorre à divindade Ahura-Mazda na *Inscrição*. Segundo Pierre Briant (2002), Ahura-Mazda é invocado 63 vezes ao longo das cinco colunas da *Inscrição de Behistun*. É provável que tais repetições visassem enfatizar a “verdade dos fatos” alegando que a divindade Ahura-Mazda teria se colocado ao lado de Dario em toda a empreitada que o levou ao trono, desde a sua ascensão propriamente dita até o sufocamento das revoltas ocorridas nas satrapias do Império. Entretanto, nas nossas leituras realizadas do conteúdo da fonte traduzida por Herbert Cushing Tolman (1908), pôde-se perceber a ocorrência do nome da divindade setenta e quatro vezes. Isso pode se justificar pelas diferenças entre a fonte original e suas traduções, seja a lida por Pierre Briant, seja a que foi acessada e utilizada na presente pesquisa. No entanto, o foco da questão não deve ser o número exato de vezes que a deidade do panteão persa é invocada e sim o objetivo de tal invocação, que é provavelmente o de legitimar, por meio de uma divindade, o poder exercido pelo recém-coroadado Dario I. O monarca sempre invoca a divindade com as seguintes frases:

Pela graça de Ahura-Mazda, me tornei rei [...] ¹⁴ Ahura-Mazda me deu este reino; Ahura-Mazda me ajudou até eu obter este reino. Pela graça de Ahura-Mazda, eu seguro este reino. [...]. Pela graça de Ahura-Mazda, eu me tornei rei deles: Pérsia, Elam, Babilônia, Assíria, Arábia, Egito, as terras do mar, Lídia, Jônia/Iônia, Média, Armênia, Capadócia, Pártia, Drangiana, Ária, Corásmia, Bactria, Sogdiana, Gandara, Cítia, Satagídia, Aracósia e Maka. No total há 23 povos [...] pela graça de Ahura-Mazda, eles se tornaram meus súditos, eles me trouxeram tributos, o que foi comandado a eles por mim foi feito noite e dia [...] pela graça de Ahura-Mazda, esses povos respeitaram minhas leis. Como foi ordenado a eles por mim, então assim foi feito [...] eu pedi por ajuda a Ahura-Mazda, e Ahura-Mazda me ajudou ¹⁵ (*Inscrição de Behistun*, Colunas I-V, Passagens diversas).

¹⁴ Essa é a mais corrente, porque ele narra tudo o que fez e como fez, mas sob o respaldo da deidade persa para justificar tais atos que, vale ressaltar, teriam sido feitos por ele em nome da própria divindade. Além disso, a ocorrência dessa frase é tamanha que pode ser encarada como uma espécie de oração. Deste jeito, Dario se coloca como um fiel e devoto de Ahura-Mazda, pois foi graças a esse deus que tudo aquilo que lhe foi proporcionado. Mas, deve-se ressaltar que Dario não era de modo algum monoteísta, pois esse conceito seria anacrônico para esse momento, ainda que pretendesse elevar Ahura-Mazda como a sua principal deidade.

¹⁵ Novamente, a divindade principal do panteão persa é invocada e utilizada para deixar claro que ela, além de ser testemunha dos feitos de Dario, estava ao lado dele, fornecendo ajuda quando ele clama por isso, bem como para justificar e legitimar o direito (respaldado pelo divino) do monarca ao trono.

Após a leitura da passagem acima, pode-se perceber que a inscrição coloca Ahura-Mazda como o principal responsável por todo o sucesso de Dario I, desde a sua ascensão ao poder até o domínio dos povos subjugados (seja em relação a novas conquistas ou ao sufocamento das revoltas ocorridas nas satrapias do império). As repetições podem sugerir também que Dario poderia contar com a divindade para vir prestar auxílio a seu favor. O fato é que, de acordo com o relato de Dario presente na *Inscrição de Behistun*, a principal divindade do panteão persa não fica apenas numa posição passiva, isto é, de espectador perante tudo o que ocorre em relação a Dario e ao seu império. Aqui, o divino assume também um papel ativo na tomada de poder executada por Dario I, bem como se torna fundamental para o sucesso de suas empreitadas. Além disso, as passagens sugerem que os feitos de Dario, sejam eles bons ou ruins, sempre seriam em prol da divindade e também responsabilidade do próprio Ahura-Mazda. Ou seja, a deidade deixaria Dario agir livremente, porque ele agia em nome do deus aquemênida.

Acerca do conteúdo textual da fonte, a primeira coluna consiste numa apresentação breve, somada aos principais elementos que buscavam legitimar Dario I como o Grande Rei dos Reis do Império Persa Aquemênida. Entre o final da primeira, a segunda e a terceira coluna estão registradas as províncias que se rebelaram contra o poder central de Dario, os locais que insurgiram sob o comando dos ditos “mentirosos” que variou de acordo com cada satrapia. A quarta e quinta coluna da *Inscrição* já se referem a um contexto pós-revoltas, onde Dario conta basicamente o que fez nas satrapias e sua atuação como rei. Vale ressaltar que se acredita que a *Inscrição* deveria ter, a princípio, apenas quatro colunas com conteúdo textual, mas como Dario continuou a realizar feitos em prol e benefício do Império Aquemênida, e como a *Inscrição* tinha o objetivo de legitimá-lo, decidiu acrescentar uma quinta coluna. Fizera isso para contar seus feitos como monarca plenamente estabelecido e na preparação para a expedição contra a Cítia, episódio tão bem relatado nas *Histórias de Heródoto*. Infelizmente, a quinta coluna está bastante mutilada e por esse motivo a tradução também foi prejudicada, então não há a possibilidade de realizarmos discussões aprofundadas sobre o conteúdo da quinta coluna. Entretanto, se comparada às outras colunas, a quinta coluna é a que tem o menor conteúdo textual, contém apenas seis passagens, pois é a coluna mais mutilada da fonte. Enquanto que a primeira coluna possui dezenove passagens; a segunda coluna possui

dezesseis passagens; a terceira coluna possui quinze passagens; e a quarta coluna possui cinte passagens.

ANÁLISE ICONOGRÁFICA DA INSCRIÇÃO DE BEHISTUN

Para a última sessão, serão analisados os aspectos da iconografia presentes na *Inscrição de Behistun* que acompanha o conteúdo textual da fonte. Primeiramente, serão analisadas e descritas as figuras e os elementos presentes, de acordo com Briant (2002), na iconografia. Em seguida, as informações iconográficas dialogarão com o relato textual da fonte. Pretende-se analisar o caráter propagandístico do poder e legitimidade de Dario I perante os seus súditos que se faz presente na Inscrição, mas também discutir quais eram as finalidades e os objetivos de Dario ao proferir o discurso que serviu de base para o relato textual da fonte.

Deve-se ressaltar que a Inscrição de Behistun foi um monumento pensado para exaltar o triunfo dinástico e militar de Dario, bem como a própria figura do monarca aquemênida. O contexto pode ser visto como um “renascimento” do Império Persa, pois a Inscrição não foi fundada apenas para relatar as conquistas militares de Dario, mas também com o objetivo de se equiparar ao “paraíso” em Pasárgada fundado por Ciro II. Segundo Briant (2002, p. 124), inscrições e relevos foram feitos para representar o ato de fundar um novo reino, um império renascido, por esse motivo deveria ser uma criação nova, em que todos os empréstimos fossem derretidos e reformulados em uma obra de caráter monumental e incomparável às criações anteriores¹⁶.

¹⁶ Com a ascensão do Império Persa, pouca coisa relacionada à arte se conservou do período medo, contando com as influências sofridas por eles que dizem respeito às artes neo-assíria e urartéria, além das influências euroasiáticas. Do pouco que se conservou, deve-se destacar a arquitetura militar dos castelos. Ademais, segundo Ezquerro (1991), o Império Persa Aquemênida é resultado da experiência acumulada pelos Impérios Neo-Assírio e Neobabilônico, porque a arte aquemênida faz eco ao seu poder que é incontestável, o que possui notável diferença em relação à arte neo-assíria. As obras de caráter monumental ao qual Briant (2002) se refere são a expressão de um poder incontestável que configura na propaganda política do Império Aquemênida, por isso há um gosto pela repetição incansável que pode ser notada na *Inscrição de Behistun*, herança muito provavelmente neo-assíria, onde os monarcas necessitavam expressar seu poder repetidamente. Além de que a arte aquemênida também é devedora da arte mesopotâmica, nômade e dos povos vizinhos que foram conquistados e anexados ao território imperial aquemênida.

Figura 1 – Inscrição do Behistun



Fonte: Chapéu, Chicote e Carbono-14 (2009)

Acerca da descrição da arte presente na Inscrição de Behistun, segundo Briant (2002), há quatorze personagens¹⁷. A começar por Dario que está voltado para a direita, vestido com uma túnica persa, com um diadema. Na mão esquerda, ele segura um arco que repousa sobre o pé direito. Sua mão direita está levantada ao nível do rosto (Briant, 2002, p. 124). Na frente do Rei dos reis estão oito “reis mentirosos” que se diferenciam por suas vestimentas e pelas inscrições que os nomeiam. Da esquerda para a direita, pode-se observar: 1) Atrina; 2) Nidintu-Bel; 3) Fraortes; 4) Martiya; 5) Citrantakhma; 6) Vahyazdata; 7) Arakha; 8) Frada; 9) Skhunkha¹⁸. O status deles é retratado como inferiores a Dario por meio da postura e estatura quando comparados ao Grande Rei. Deve-se atentar para aquele que está em posição mais humilhante, deitado no chão com as mãos levantadas num ato de súplica a Dario que se coloca sobre ele com toda a sua glória. Este humilhado presente na iconografia representaria Gaumata. O episódio capturado na

¹⁷ Além de Briant (2002), Margaret Cool Root é uma das grandes referências no que diz respeito à arte e iconografia aquemênidas. A descrição detalhada oferecida por Briant (2002, p. 124-127) concorda com as descrições e interpretações propostas por Root em suas análises acerca da iconografia presente na Inscrição de Behistun.

¹⁸ Na Inscrição de Behistun, há uma breve passagem acima de cada “rei mentiroso” realizando uma breve apresentação, assim como na tradução de Herbert Cushing Tolman (1908), há a tradução dessas passagens, apresentando os nomes dos “reis” que estão presentes na iconografia. Ademais, o último “rei mentiroso” Skhunkha foi adicionado tempos depois à *Inscrição de Behistun*, juntamente com a Coluna V. Ele é identificado pelo seu chapéu alto e pontudo, Dario conta que ele foi o líder da rebelião na satrapia localizada em Elam e Saka.

iconografia remete ao momento em que ocorre a vitória de Dario e a derrota de Gaumata pouco antes de ser executado pelo novo Grande Rei.

A presença dos “reis mentirosos” diante de Dario tem como objetivo representar o rei como conquistador e vencedor pessoal de cada um deles. A intenção principal é, de acordo com Briant (2002, p. 125), representar Dario em sua capacidade de “conquistador” na forma de uma mensagem simultaneamente metafórica e realista. Vale ressaltar que eles são punidos na presença de Ahura-Mazda, personificação da verdade, por serem “reis mentirosos” e violarem a lei de Dario. Aqui, a mentira está diretamente ligada à revolta contra o poder estabelecido e legítimo, isto é, o próprio poder de Dario I. Enquanto o Grande Rei é representado como um homem que nunca mente, por esse motivo ele é escolhido por Ahura-Mazda cuja figura que se faz presente. Tendo isso em vista, à mentira se opõe a verdade, e ambos os termos pertencem igualmente aos domínios da política e da religião imperial.

Ahura-Mazda é a figura acima de todos, até de Dario, seguidos por seus guardas reais e os “reis mentirosos”. O deus aparece, segundo Briant (2002, p. 126), na figura de um homem barbado, emergindo de um disco alado, vestido no estilo persa e um “cocar” cilíndrico com uma estrela de seis pontas. Ele segura um anel com sua mão esquerda, oferecendo-o a Dario. Ele é o único indivíduo com quem Dario estabelece um diálogo. Portanto, é em direção a Ahura-Mazda que Dario levanta sua mão para receber o anel oferecido pela divindade. A inclinação expressa que, mesmo sem ser um deus, o rei é investido com o poder real pelo deus. Ou seja, é o procurador de Ahura-Mazda na terra, como resultado de um pacto realizado entre o rei e a divindade. Pode-se dizer, portanto, que essa aliança confere a Dario poder absoluto e incontestável, portanto, quem ousasse contestar o poder central corria o risco de receber uma punição de caráter divino. Outro ponto a ser destacado é que, apesar de não haver um monoteísmo estabelecido, na religião oficial do Império Aquemênida no tempo de Dario I, Ahura-Mazda ocupa uma posição suprema, sendo a divindade soberana do panteão persa aquemênida, onde as outras divindades são evocadas apenas nominalmente. Ahura-Mazda era o deus de Dario, como é percebido e expresso ao longo de todo o relato textual da *Inscrição de Behistun*. O rei tinha o dever de fazer a verdade reinar e caçar a mentira em nome dos preceitos que regiam a relação entre homens e deuses, tal qual os princípios do masdeísmo e a própria cosmogonia do zoroastrismo nos quais, segundo Mircea Eliade (2010), Ahura-Mazda

representava a verdade e travava uma luta eterna com Ahriman ou Angra Mainyu, a depender da tradução, que representava a mentira.

Atrás de Dario, ainda na iconografia da *Inscrição*, há dois homens ou guardas reais que, vale ressaltar, são menores que Dario, mas ainda assim maiores que os “reis mentirosos”. Dessa forma, enfatizam a inferioridade dos rebeldes vencidos e a superioridade não apenas de Dario, mas daqueles que contribuíram para o seu sucesso na vitória contra as satrapias rebeldes. O mais próximo de Dario carrega em sua mão direita um arco, enquanto o mais distante de Dario carrega uma lança com suas duas mãos. Esses dois não seriam meros guardas reais portando armas reais, as principais armas aquemênidas e de maior domínio ou maestria. Há uma probabilidade grande deles serem, segundo Briant (2002), parte da aristocracia persa que auxiliou Dario na sua ascensão, tal qual “Os Sete”. As identidades desses dois guardas reais e aristocratas persas são desconhecidas. Entretanto, há uma probabilidade, de acordo com Briant (2002, p. 131), de se tratarem de Góbrias e Aspatines, porque os nomes de ambos também aparecem no túmulo de Dario em *Naqsh-e Rostam*, o que indica a importância deles. Especialmente a de Góbrias, que estabeleceu diversas alianças com Dario, a ponto de realizarem um casamento dinástico entre Dario e a filha de Góbrias (Briant, 2002, p. 132, 135-136), além de ser um dos seguidores mais fiéis de Dario I.

Independente da identidade desses guardas reais, uma coisa é certa: Dario não queria compartilhar sua glória com muitos de seus homens, ou seja, não queria colocar outros homens vitoriosos em evidência, porque isso lhe tiraria parte do crédito da vitória contra aqueles que se rebelaram contra o poder central. Somado a isso, Dario se gaba diversas vezes por ter conquistado, segundo a *Inscrição*, dezenove vitórias em um ano, com o intuito de engrandecer a si mesmo como rei triunfante. Isso também poderia ser um dos motivos de ele não identificar esses dois guardas reais. Outro possível motivo seria se utilizar da representação de dois homens aleatórios apenas para exaltar as armas reais ou pelo menos destacar as principais armas utilizadas pelas persas em seus conflitos, pois eram as armas que exigiam maior maestria no uso e no combate. Pode-se perceber ao longo da análise iconográfica que todos esses componentes buscam exaltar a figura de Dario como monarca, líder militar e, principalmente, como um rei de poder incontestável e reconhecido pelos deuses.

Somada à iconografia, o texto da *Inscrição*, sobre os “reis mentirosos” conta como eles se rebelaram e como Dario sufocou a revolta. Apesar de haver um padrão no relato

em relação a todos aqueles que se puseram à frente das satrapias rebeldes e de como Dario os capturou, executou e sufocou as rebeliões. Em alguns relatos há mais ou menos detalhes. Por exemplo, como veremos nas análises a seguir, em alguns há relatos sobre como se deram as execuções ou informações a respeito do contingente do exército que representava a força de Dario contra os “reis mentirosos” e suas satrapias rebeldes. O primeiro relato é o de Gaumata, por ele ser o pilar da busca por legitimação de Dario onde Gaumata seria um usurpador e por esse motivo Dario seria colocado na figura de um salvador e libertador do Império Aquemênida. Sobre o relato:

Diz Dario, o rei: Mais tarde houve um homem, o Mago, Gaumata por nome, ele ascendeu de Paishiyauvada (cidade persa da era Aquemênida), onde havia uma montanha Arakadrih por nome. De lá – dia 14 do mês Viyakhna¹⁹ estava em curso onde ele havia ascendido; ele assim enganou o povo: “Eu sou Bardiya, filho de Ciro, irmão de Cambises”. Mais tarde todo o povo se rebelou contra Cambises e passou para ele, tanto a Pérsia, quanto a Média, quanto as outras províncias, ele tomou o reino. Dia 9 do mês Garmapada²⁰ estava em curso – ele assim tomou o reino. Mais tarde, Cambises morreu por uma morte autoimposta. (*Inscrição de Behistun*, Coluna I, Passagem 11)

Sobre o relato de Atrina, o segundo “rei mentiroso” presente na *Inscrição de Behistun*, pode-se dizer que segue o mesmo padrão dos demais relatos. Entretanto, deve-se atentar para uma especificidade deste relato; no episódio da retomada de Susa, Dario dá detalhes acerca do contingente que ele próprio enviou para sufocar a rebelião e retomar o controle da capital satrapal, como se pode ver a seguir:

Diz Dario, o rei: Quando eu assassinei Gaumata, o Mago, mais tarde havia um homem, Atrina por nome, o filho de Upadaranma; ele ascendeu em Susa, ele havia dito ao povo: “eu sou rei em Susa”. Mais tarde, o povo de Susa se rebelou e seguiu àquele Atrina, ele se tornou rei em Susa. [...]. Diz Dario, o rei: Mais tarde, eu mandei quarenta de meu exército para Susa, esse Atrina foi levado a mim amarrado, eu o matei. (*Inscrição de Behistun*, Coluna I, Passagem 17)

¹⁹ Para fins de esclarecimento, decidimos colocar os correspondentes dos meses do calendário persa em questão que estão em persa antigo ou elamita em algumas passagens no calendário gregoriano, isto é, utilizando-se dos meses de janeiro-dezembro para que se torne algo mais palpável para os leitores. Tendo isso em vista, o mês Viyakhna é o último mês do calendário persa, isto é, o décimo segundo mês e tem como correspondente a segunda metade do mês de fevereiro e a primeira metade do mês de março no calendário gregoriano. Entretanto, vale ressaltar que por se tratar de calendários distintos, a organização também é distinta, por exemplo: no calendário persa, o ano começa no mês de março para os calendários gregorianos. Em outras palavras, o “março” do calendário persa é o janeiro do calendário gregoriano. As obras de Richard T. Hallock (1969) e Roland G. Kent (1950) serviram de base para que pudéssemos esclarecer os correspondentes mensais dos dois calendários.

²⁰ O mês Garmapada é o quarto mês do calendário persa e tem como correspondente os meses de junho e julho, isto é, a segunda metade do primeiro mês e a primeira metade do segundo mês em questão no calendário gregoriano.

Escrita e Poder na Pérsia Aquemênida

Sobre o relato de Nidintu-Bel da Babilônia, o terceiro “rei mentiroso” presente na *Inscrição de Behistun*, pode-se notar que, além de seguir o mesmo padrão dos relatos, Dario adiciona outra particularidade neste relato, uma intervenção “divina”. Logo após Dario ter dito que Ahura-Mazda o ajudou, ele conta como os inimigos foram arrastados pelo rio Eufrates durante o confronto com os seguidores de Nidintu-Bel:

Diz Dario, o rei: Mais tarde, eu fui à Babilônia [...] esse Nidintu-bel que chamava a si próprio de Nebuchadrezzar foi com seu exército contra a mim para iniciar a batalha. Depois disso, nós começamos a batalha. Ahura-Mazda me ajudou, pela graça de Ahura-Mazda, eu puni severamente o exército de Nidintu-Bel. O inimigo foi levado para a água; a água os levou. (*Inscrição de Behistun*, Coluna I, Passagem 19)

Sobre o relato de Martiya da Pérsia, o quarto “rei mentiroso” presente na *Inscrição de Behistun*, pode-se notar que esta é a passagem que trata sobre um “rei rebelde” que contém a menor quantidade de informação quando comparada às demais passagens. Dario, basicamente, resume tudo ao dar-lhe o nome de “rei mentiroso”; fala que ele ascendeu em Susa e já prossegue ao dizer que Martiya foi capturado e morto pelas mãos dele, como se pode ver a seguir:

Diz Dario, o rei: Ali havia um homem chamado Martiya, filho de Cicikhrish – ali havia uma cidade na Pérsia chamada Kuganaka – ali ele morava. Ele ascendeu em Susa, portanto ele disse ao seu povo: “Eu sou Imanish, rei de Susa”. Diz Dario, o rei: Lá estava eu em marcha para Susa. Depois disso, o povo de Susa me temeu; eles tomaram aquele Martiya quem era chefe deles e o matei. (*Inscrição de Behistun*, Coluna II, Passagens 3-4)

Sobre o relato de Fraortes da Média, o quinto “rei mentiroso” presente na *Inscrição de Behistun*, pode-se perceber que por mais que o relato continue a seguir o padrão estipulado para a *Inscrição*, esta é a passagem mais rica de informações, por conter o nome de Fraortes, sua nacionalidade, como ele ascendeu, o que Dario fez ao saber da rebelião, o que ele ordenou ao seu exército e ao chefe do exército nomeado por ele, Hidarnes. Após a batalha, ele ainda narra como se deu a captura e a punição de Fraortes, como se pode ver a seguir:

Diz Dario, o rei: Um homem medo chamado Fraortes ascendeu na Média, ele disse desse modo ao seu povo: “eu sou Khshathrita da família de Ciaxares”. Depois disso, o povo medo que estava no palácio se rebelou contra mim e seguiu aquele Fraortes. Ele se tornou o rei na Média. Diz Dario, o rei: O exército persa e o exército medo, que foi por mim, era pequeno. Depois disso, eu enviei um

exército. Hidarnes por nome, um persa, meu súdito, eu fiz dele chefe do exército, portanto eu disse a eles: “Vão, punam aquele exército medo que não se diz meu”. Depois disso, esse Hidarnes com o seu exército foram embora, quando ele veio à Média – ali tinha uma cidade chamada Marush – ali ele iniciou uma batalha com os medos, ele que era chefe entre os medos não aguentou ali. Ahura-Mazda me ajudou, pela graça de Ahura-Mazda, meu exército puniu aquele exército rebelde completamente. Dia 27 do mês Anamaka²¹ estava em curso – a batalha foi assim combatida por eles. Depois disso, meu exército – ali tinha uma região chamada Kampada – ali esperaram por mim até eu ir para a Média. Diz Dario, o rei: Mais tarde, esse Fraortes com alguns cavaleiros fugiu. Ali é a região, cujo nome é Raga na Média – por ali, nós fomos. Depois disso, eu enviei meu exército para persegui-los. Fraortes foi capturado e levado a mim. Eu cortei fora seu nariz, orelhas e língua, e eu arranquei seus olhos, ele foi preso na minha corte, todo o povo o viu. Depois disso, eu o coloquei em uma cruz na Ecbátana, e quanto aos seus aliados mais confiáveis, eu os joguei dentro da prisão na Ecbátana. (*Inscrição de Behistun*, Coluna II, Passagens 5-6, 13)

Sobre o relato de Citrantakhma (*Inscrição de Behistun*, Coluna II, Passagem 14), o sexto “rei mentiroso” presente na *Inscrição de Behistun*, pode-se perceber que além de manter o padrão, não há nada de novo nas passagens deste relato. Dario apenas repetiu com algumas mudanças nos nomes dos lugares. No que diz respeito às punições de Citrantakhma, repetiu o que contou no relato do “rei mentiroso” anterior, isto é, Fraortes.

Sobre o relato de Vahyazadata, o sétimo “rei mentiroso” presente na *Inscrição de Behistun*, se pode perceber que para além do padrão repetitivo dos relatos em relação aos “reis mentirosos” há uma ausência nos detalhes das punições vistas nos dois relatos anteriores relacionados aos “reis rebeldes” Fraortes e Citrantakhma. Fica o questionamento, Dario apenas decidiu não nos dar detalhes na *Inscrição* ou ele optou por um tratamento menos cruel no que tange às punições de Vahyazdata e seus seguidores mais confiáveis?

Diz Dario, o rei: Um homem chamado Vahyazadata. Ali tinha uma cidade chamada Tarava. Ali é uma região da Pérsia chamada Yutiya – ali, ele morava. Ele foi o segundo a ascender contra mim na Pérsia, portanto ele disse ao povo: “Eu sou Bardiya, filho de Ciro”. Depois disso, o exército persa que estava no palácio deixou de lado a sua lealdade, eles se rebelaram contra mim e seguiram aquele Vahyazdata, ele se tornou rei na Pérsia. [...]. Diz Dario, o rei: Mais tarde – ali há uma cidade persa chamada Uvadaicaya – ali, aquele Vahyazdata e seus aliados mais confiáveis foram colocados numa cruz por mim. (*Inscrição de Behistun*, Coluna III, Passagens 5, 8)

Sobre o relato de Arakha (*Inscrição de Behistun*, Coluna III, Passagem 15), o oitavo “rei mentiroso” presente na *Inscrição de Behistun*, pode-se perceber que, assim como o

²¹ O mês Anamaka é o décimo mês do calendário persa e tem como correspondente os meses de dezembro e janeiro, isto é, a segunda metade do primeiro mês e a primeira metade do segundo mês em questão no calendário gregoriano.

relato de Citrantakhma, este relato não nos dá nenhuma informação nova, apenas serve para reforçar a ideia de uma padronização dos relatos sobre a rebelião dos “reis mentirosos”. Somados à retomada do domínio das satrapias rebeldes por Dario e seu exército, os detalhes da punição também foram diminuídos, como foi o caso do relato sobre Vahyazdata.

Sobre o relato de Shunkha (*Inscrição de Behistun*, Coluna V, Passagem I), o nono “rei mentiroso” presente na *Inscrição*, o que se pode perceber no relato do último “rei rebelde” é que não se trata mais de uma retomada de um domínio, mas de uma nova conquista no sentido de expansão territorial do império de Dario. Vale ressaltar que um ponto importante adicionado junto com a Coluna V é o tratamento direcionado aos “reis mentirosos”. No caso, Shunkha não seria apenas um rei que mentiu para o seu povo para se tornar líder, mas um infiel em relação a Ahura-Mazda. O questionamento que fica seria, sobretudo, em relação às questões que giram em torno deste último relato, porque não se trataria mais de uma reconquista, mas de uma nova conquista; não se trata apenas de mentir para o povo, mas de ser infiel.

Após a apresentação de todos os relatos feitos por Dario sobre os “reis mentirosos”, pode-se apontar os padrões presentes usados em cada relato desses nove “reis rebeldes (Gaumata incluso)”. Primeiramente, eles anunciam que são alguém da linhagem real local, assim ascendem ao poder como “reis mentirosos” que se colocam contra o poder central de Dario. Em seguida, Dario envia um pequeno exército sob o comando de um de seus subordinados para sufocarem a revolta, o conflito se inicia, “os mentirosos rebeldes” perdem a batalha, recuam e fogem para alguma fortaleza local, onde são capturados, amarrados e levados a Dario. Por último, eles recebem a punição devida a eles, sob o respaldo de Ahura-Mazda.

Esse padrão presente nos relatos é responsável por alimentar uma visão de um poder inabalável do “Rei dos reis” por se tratar de um poder “divino” se levarmos em conta a presença e a ajuda prestada por Ahura-Mazda. Outro ponto a ser salientado é que, muito provavelmente, era essa a mensagem que Dario tinha como objetivo passar para os seus súditos, sobretudo nas principais satrapias do império, visando o impedimento de possíveis rebeliões futuras. Além de ser o “puro suco” da propaganda do poder imperial de Dario, foi algo muito ligado à ideologia imperial, levando em conta também os empréstimos, heranças, apropriações de culturas e costumes de outros povos e reinos que foram conquistados pelo Império Aquemênida. Outro ponto que deve ser salientado é

a ausência do relato destinado ao “rei mentiroso” Frada que se faz presente na iconografia da *Inscrição*, mas não há na tradução da fonte em uso a presença do relato deste “rei rebelde”. O que se observa não é um relato do que aconteceu com os demais reis, mas um resumo geral das revoltas ocorridas:

Diz Dario, o rei: Ali há uma região chamada Margiana que se rebelou contra mim. Um homem márgio chamado Frada, o tornaram chefe deles. Depois disso, eu enviei um persa chamado Dadarshish, meu súdito, sátrapa de Báctria contra ele, portanto eu disse a ele: “Vá, puna aquele exército que diz não ser meu”. Depois disso, Dadarshish foi embora com o seu exército e iniciou um conflito com os márgios. Ahura-Mazda me ajudou, pela graça de Ahura-Mazda, meu exército destruiu completamente aquele exército rebelde. Dia 23 do mês Atriyadiya²² estava em curso, portanto a batalha foi travada por eles. (*Inscrição de Behistun*, Coluna III, Passagem 3)

Deve-se atentar para o fato de que a *Inscrição de Behistun* é unilateral e por esse motivo impossibilita um olhar diferente dos fatos. Ou seja, não há outras fontes persas do mesmo período que possam bater de frente a fim de realizarmos um método comparativo. Deve-se, portanto, considerar principalmente a intenção propagandística de Dario, porque o rei repete diversas vezes que superou inúmeras revoltas poderosas com um exército que ele descreve na *Inscrição* muitas vezes como insignificante. Outro ponto que também deve ser tocado é a dificuldade em afirmar que todas as revoltas tinham sido apaziguadas até o final de 521 a.C., mesmo que Dario tenha negado ter exagerado ou falsificado a realidade em nome da verdade que ele tanto defendia enquanto um fiel seguidor de Ahura-Mazda.

A intenção de ter o mais alcance possível fica ainda mais evidente porque Dario ordenou que cópias do conteúdo textual da *Inscrição de Behistun* fossem enviadas para diversas satrapias do império, como sinaliza Briant (2002). Pode-se supor então, que, assim como a *Inscrição no Monte Behistun*, as cópias também foram colocadas em locais proeminentes das satrapias para que todos em seu império soubessem que ele era o Grande Rei de forma incontestável, porque ele contava com o apoio do divino. Outro fator importante a ser considerado é que a presença do imagético tinha um propósito didático, porque se deve ressaltar que havia uma tradição oral dominante, pois nem todos no império tinham o privilégio de serem letrados. Por esse motivo, a iconografia fazia o papel principal, quando o texto por si só não bastava. E foi assim que Dario conseguiu propagar

²² O mês Atriyadiya é o nono mês do calendário persa e tem como correspondente os meses de novembro e dezembro, isto é, a segunda metade do primeiro mês e a primeira metade do segundo mês em questão no calendário gregoriano.

a sua versão dos fatos ocorridos que levaram à sua ascensão a ponto de, por meio da tradição oral, até mesmo Heródoto ter tomado conhecimento do ocorrido, por se utilizar dos relatos orais como fonte de informação para o seu relato, e ter registrado nas suas *Histórias*. Em nenhum momento o historiador de Halicarnasso relata que viu com os próprios olhos a grandiosidade da *Inscrição*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber, portanto, que a *Inscrição de Behistun* é um claro exemplo da relação entre a escrita e o poder na Pérsia Aquemênida. Apesar de Dario não ter sido o único monarca persa a utilizar tais ferramentas para o exercício, a manutenção e a legitimação do poder, tendo em vista que Ciro II utilizou os mesmos aparatos na confecção do *Cilindro de Ciro*. Contudo, deve-se ressaltar que são dois casos distintos e que possuem suas particularidades. Ciro era visto como um enviado de Marduk destinado a libertar a Babilônia, Dario era visto como um assassino e usurpador do império. Portanto, Dario não queria apenas se legitimar, mas além disso convencer os seus súditos, por meio do cunho propagandístico, de que o conteúdo presente na fonte era a mais pura verdade, para inverter a sua imagem de usurpador. Por esse motivo, o monarca utilizou mecanismos que legitimassem o discurso proferido na *Inscrição* a começar por um dos pilares da legitimação de Dario: Ahura-Mazda, divindade que representaria a verdade. Ele se utiliza da deidade para se colocar como um emissário e portador da verdade enviado pela própria divindade a fim de estabelecer a ordem cósmica. Ademais, há outro mecanismo que num primeiro momento pode aparentar ser o verdadeiro pilar da legitimação de Dario: Gaumata, apresentado como o “verdadeiro usurpador e assassino de Bardiya”. No entanto, Gaumata é apenas mais uma das personagens que recebe o papel de “rei mentiroso”, do qual Dario tinha como missão expurgar, pois eles representavam os emissários de Ahriman, divindade que representava a mentira e arqui-inimiga de Ahura-Mazda. Ou seja, ele não apenas se utiliza da cosmogonia zoroastriana, como também coloca os “reis mentirosos” e a si próprio dentro do quadro da eterna luta cósmica. Por fim, Dario não poupou esforços para difundir o relato da sua ascensão ao poder e, por esse motivo, teve especial cuidado ao arquitetar a *Inscrição de Behistun*, desde o seu caráter trilingue até a localização no Monte Behistun, onde a fonte estava explícita para aqueles que transitavam pela Estrada Real. Outro ponto que se deve enfatizar é o alcance do relato de Behistun, desde os tópicos acima abordados até a iconografia que servia para

os súditos que não eram letrados, além das versões de tabuletas enviadas às satrapias, onde, em um dos casos, foi encontrada uma versão em língua egípcia. Além disso, pode-se dizer que o grande “símbolo” do alcance almejado por Dario se materializa no relato de Heródoto, onde o historiador de Halicarnasso conta nas suas *Histórias* sobre a ascensão de Dario I com base na *Inscrição de Behistun*, voltado para um público ateniense, o que aumenta ainda mais o alcance das informações provenientes da fonte. Por fim, deve-se recapitular que se faz necessário um olhar desconfiado quando se é direcionado a essa fonte. Não nos cabe julgar se trata-se de verdade ou mentira, mas ressaltar as prováveis finalidades e os objetivos de Dario com a confecção da *Inscrição* que se configura numa clara relação da escrita com o poder ou do uso da escrita pelo poder para fins de legitimação num contexto conturbado de ascensão ao poder por parte de Dario I.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASHERI, D. *O Estado Persa: ideologias e instituições no Império Aquemênida*. Tradutor: Paulo Butti de Lima. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BOWMAN, A. K.; WOOLF, G. (org.). *Cultura Escrita e Poder no Mundo Antigo*. Tradutor: Valter Lellis Siqueira. Cambridge University Press, 1994.
- BRIANT, P. *From Cyrus to Alexander: A History of the Persian Empire*. Tradutor: Peter T. Daniels. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2002.
- CHAPÉU, CHICOTE E CARBONO-14. *Artefatos que importam: a inscrição de Behistun*, 24 nov. 2009. Não paginado. Disponível em: https://www.blogs.unicamp.br/carbono14/2009/11/24/artefatos_que_importam_a_inscr/.
- ELIADE, M. *História das crenças e das ideias religiosas (Vol.1): Da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis*. Tradutor: Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.
- EZQUERRA, J. A. *Saber Ver A Arte Mesopotâmica e Persa*. Tradutor: José Maria Valeije Bojart. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- HALLOCK, R. T. *Persepolis Fortification Tablets*. Chicago, Illinois: The University of Chicago Press, 1969.
- HERÓDOTO, *Histórias: Livro III – Talia*. Tradutor: Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2017.
- JACOBS, B. Achaemenid Art - Art in the Achaemenid Empire. In: JACOBS, B.; ROLLINGER, R. (org.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire (vol.1)*. Hoboken, New Jersey: Willey-Blackwell, 2021.
- KENT, R. G. *Old Persian: Grammar, Texts, Lexicon*. New Eaven, Connecticut: American Oriental Society, 1950.
- KUHRT, A. The Persian Empire, c. 550-330 BC. In: LERICHE, P. (org.) *Art & Civilisations de l'Orient Hellenise*. Paris: Picard, 2014.
- KUHRT, A. *The Persian Empire: A Corpus of Sources from the Achaemenid Period*. Abingdon: Routledge, 2007.
- LLEWELLYN-JONES, L. *Os Persas: A Era dos Grandes Reis*. Tradutor: Renato Marques. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
- LIVERANI, M. *O Antigo Oriente: História, Sociedade e Economia*. Tradutor: Ivan Esperança Rocha. São Paulo: Edusp, 2016.
- MACARDLE, M. *A História da Ásia Antiga*. Tradutor: Maria Beatriz de Medina. São Paulo: M. Books, 2021.

OLMSTEAD, A. *History of the Persian Empire*. Chicago, Illinois: The University of Chicago Press, 1948.

ROSSI, A. V. The Inscriptions of the Achaemenids. In: JACOBS, B.; ROLLINGER, R. (org.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire (vol.1)*. Hoboken, New Jersey: Willey-Blackwell, 2021.

TOLMAN, H. C. *The Behistun Inscription of King Darius*. Nashville: Vanderbilt University, 1908.

Recebido em: 26/07/2024

Aprovado em: 17/09/2024